

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

VIVIANNE DA PIEDADE SOUZA

**A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA ATRAVÉS DA MÚSICA: UMA ANÁLISE DA
CANÇÃO “TRISTE, LOUCA OU MÁ” COM BASE NOS ESTUDOS DE GÊNERO**

SÃO CRISTÓVÃO – SE
2024

VIVIANNE DA PIEDADE SOUZA

**A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA ATRAVÉS DA MÚSICA: UMA ANÁLISE DA
CANÇÃO “TRISTE, LOUCA OU MÁ” COM BASE NOS ESTUDOS DE GÊNERO**

Artigo Científico entregue ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz Zaluski.

Dedico este trabalho ao meu pai,
Juarez (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Nunca pensei que escrever uma página de agradecimentos fosse tão difícil, principalmente quando é necessário expressar, em um pouco mais de uma página, a imensa gratidão que sinto por inúmeras pessoas que foram calma, zelo e palavras acolhedoras, que foram apoio e parceria durante toda a minha graduação, mas, principalmente, foram inspiração e ainda o são.

Em primeiro lugar, dedico a premissa desse agradecimento ao meu Deus, digno de toda honra, louvor e adoração. O Deus que me guia e me concede força diariamente para vencer e superar os obstáculos. Sem Ele, eu não teria chegado onde cheguei. Por isso, consagro ao Senhor tudo o que sou, bem como minha formação, pois pude experimentar Seu cuidado e Sua bondade em todo o tempo. Desde uma simples passagem bíblica até uma rede de apoio forte que não me deixou cair em nenhum momento.

Agradeço aos meus pais, à minha mãe, Arlete, que nunca mediu esforços para me ajudar a realizar os meus sonhos, que sempre me apoiou e acalentou em todos os momentos. Que trabalhou dias e noites para que não faltasse nada para suas filhas. Mãe, a senhora é meu maior exemplo de força, coragem e determinação. Obrigada por não soltar minha mão. Agradeço ao meu pai (*in memoriam*), Juarez, que sempre se orgulhou de mim e buscou me ajudar como podia, e que continua a olhar por mim, mesmo de “longe”. Tenho certeza de que o senhor está radiante e ainda mais orgulhoso de sua caçulinha aí do céu. Essa vitória é nossa!

Agradeço às minhas irmãs, por todo amor, parceria e pelas orações. Aos meus familiares e amigos (que são muitos, assim não teria espaço para citar nome por nome, espero que entendam), ao meu grupinho da UFS, por tornarem a graduação mais leve e divertida. Agradeço a Alex, por sempre me apoiar e acreditar no meu potencial. E, sobretudo, a Tio José e Tia Val, os tios que ganhei, verdadeiros instrumentos de Deus, que me ajudaram e me receberam tão bem em seu lar nessas idas e vindas da universidade

Agradeço, em especial, ao meu professor do Ensino Médio, Carlos Roberto, inspiração e exemplo de profissional. Obrigada por despertar meu gosto pela História, por toda ajuda, ensinamentos e conselhos, e principalmente por todos os livros que ganhei do senhor durante o ensino médio, os quais afluíram meu gosto pela leitura e pela história. Agradeço à professora Sayonara, por exercer com maestria o ato de ensinar. Você é um exemplo para mim. Agradeço também a todos os professores que foram fontes de inspiração para mim e que direta ou indiretamente participaram da minha trajetória escolar e acadêmica.

Por fim, agradeço ao meu orientador, Jorge Luiz Zaluski, por toda orientação, paciência e atenção durante a elaboração desta pesquisa. Sem dúvida alguma, você foi de suma importância para a construção e conclusão deste trabalho. O percurso foi mais leve graças à sua orientação. Obrigada, meu orientador. Posso afirmar que cada um de vocês externam o amor e a misericórdia de Deus para comigo.

A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA ATRAVÉS DA MÚSICA: UMA ANÁLISE DA CANÇÃO “TRISTE, LOUCA OU MÁ” COM BASE NOS ESTUDOS DE GÊNERO

Vivianne da Piedade Souza¹

RESUMO

Partindo da percepção de que a utilização de produções musicais são fontes de informações de cunho histórico adentrado ao ensino de história em sala de aula. O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre a construção da consciência histórica através dos estudos de gênero, tendo como objeto de estudo a música “Triste, Louca ou Má”, escrita por Juliana Strassacapa, e também interpretada por ela juntamente da banda Francisco, El Hombre, da qual é integrante. A música seria uma congruente crítica social ao comportamento da sociedade perante a mulher ao longo do tempo, enfatizando a busca pela autonomia e emancipação de sua própria vida. Identificam-se três narrativas que foram utilizadas historicamente para menosprezar, silenciar e afrontar saberes, atitudes e desejos das mulheres. “Triste”, “Louca” ou “Má” trata de três fases atribuídas às mulheres, do qual primeiro as silencia e as fazem ficar tristes, quando questionam algo, são apontadas como loucas, se fazem algo para romper com a situação, distintos discursos e ações contra elas são legitimados por as qualificarem como más. Nesse sentido, essas narrativas partem inicialmente da trivialidade do patriarcado de categoricamente rotular a personalidade feminina de forma pejorativa quando não adentrada aos padrões predefinidos, ou então, quando, de alguma forma, tenta romper com situações desiguais de gênero. Por meio da canção, é possível observar que sua intencionalidade consiste em representar alguns impasses sobre o cotidiano das mulheres, se desvencilhando do modelo patriarcal e hora tido como tradicional, assim, serve como possibilidade didática para o ensino de história.

Palavras-chaves: consciência histórica; música; estudo de gênero; história-didática; Francisco el Hombre.

ABSTRACT

Based on the realization that the use of musical productions is a source of historical information for teaching history in the classroom. The aim of this work was to reflect on the construction of historical awareness through gender studies, using as an object of study the song "Triste, Louca ou Má" (Sad, Crazy or Bad), written by Juliana Strassacapa, and also performed by her with the band Francisco, El Hombre, of which she is a member. The song would be a congruent social critique of society's behavior towards women over time, emphasizing their search for autonomy and emancipation in their own lives. It identifies three narratives that have historically been used to belittle, silence and confront women's knowledge, attitudes and desires. "Sad", "Crazy" or "Bad" deal with three phases attributed to women, in which they are first silenced and made to feel sad, when they question something, they are branded as crazy, and if they do something to break the situation, different discourses and actions against them are legitimized by branding them as bad. In this sense, these narratives initially start from the triviality of the patriarchy categorically labeling the female personality in a pejorative way when it doesn't adhere to the predefined standards, or when it somehow tries to break the unequal gender situations. Through the song, it is possible to see that its intention is to represent some of the impasses in women's daily lives, breaking away from the patriarchal model that is now considered traditional, thus serving as a didactic possibility for teaching history.

Keywords: historical consciousness; music; gender studies; history teaching; Francisco el Hombre.

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Sergipe.
E-mail: souzavivianne04@gmail.com

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. O ENSINO DE HISTÓRIA E O CONHECIMENTO HISTÓRICO.....	9
2.1 Fontes históricas.....	11
3. CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.....	12
3.1 A música e a formação da consciência histórica.....	13
4. MÚSICA E ESTUDO DE GÊNERO.....	14
5. FRANCISCO EL HOMBRE.....	16
5.1 Analisando a canção.....	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

A música está presente no cotidiano de todas as pessoas, integra distintas atividades que são realizadas ao longo dos dias, bem como, desempenha diferentes funções conforme o contexto de sua produção. Contudo, sem limitar ao momento de criação, continua a manifestar-se no tempo, produzindo efeitos, significados e novos sentidos. Como fonte histórica, a música se apresenta como um instrumento que auxilia na construção do conhecimento de forma intrínseca, nos permitindo compreender e ler o mundo por diferentes olhares.

Conforme os estudos de Valle, Arriada e Claro (2010), as fontes são imprescindíveis para o ofício do/a historiador/a. Sendo esse caminho oportuno para a construção do conhecimento histórico. No entanto, as fontes não devem ser encaradas como afirmação de um passado tal como foi. Ou seja, ao tratarmos como fontes históricas, deve-se analisar sua origem, contexto histórico e social ao qual foi produzida (Valle; Arriada; Claro, 2010). No âmbito educacional, durante o ensino de história, os/as estudantes são levados/as a ampliarem seus conhecimentos de forma a explorar junto da fonte uma análise contextual e histórica. Pois, como destaca Lara (2008), esse estudo não deve considerar somente os elementos textuais dos documentos, é fundamental que sejam observados simultaneamente outros aspectos e elementos que permitam a transformação do conteúdo identificado no texto da fonte, em fonte de conhecimento histórico.

Para Heilborn e Rodrigues (2018), a formação desse tipo de conhecimento se estabelece através da interpretação das informações contidas nas fontes, considerando conceitos históricos brevemente já trabalhados ou levantados para observação, formatos, divulgação, contexto, dentre outros elementos necessários de observação. Para as autoras, os conceitos em si já possuem história. Ao discutirem sobre a construção do conhecimento histórico, no que corresponde aos estudos de gênero como categoria analítica, as autoras destacam como homens e mulheres eram representados e idealizados em distintos contextos. Como sujeitos em movimento, tanto as discussões acadêmicas como as compreensões sociais sobre a masculinidade e feminilidade passaram por modificações, sendo necessárias serem refletidas no ensino escolar (Heilborn; Rodrigues, 2018).

A revisão de conceitos relacionados aos estudos de gênero, na atualidade, tem se tornado pauta não somente no meio acadêmico, mas também na educação básica e de movimentos sociais, pois, considera-se que quanto antes esses debates forem levantados no processo educacional, melhor será o entendimento social sobre o assunto e, o mais

importante, de que por meio dessas discussões possam ser rompidos com problemas sociais existentes devido ao não entendimento sobre os debates conceituais sobre o assunto, da imposição e reforço de masculinidades e feminilidades não mais aceitas e dos reflexos disso nas violências de gênero, em especial mulheres e pessoas trans, ainda tão recorrente no Brasil.

No ensino, uma das formas mais comuns do uso da música está pautado em sua adesão como suporte literário. No que corresponde ao seu uso como fonte histórica, geralmente pauta-se na análise das letras. Ponto esse favorável e de possíveis ampliações de uso e discussões para atender as modificações ao ensino orientadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A partir dela, motiva-se para que professores/as utilizem de diferentes linguagens em todas as modalidades de ensino, desde o fundamental até o ensino médio. Desse modo, não se contempla apenas a letra da canção enquanto documento, sendo possível ainda acionar e associar a outras linguagens e aspectos artísticos que integram o entendimento da música, tais como videoclipe, dança, vestimentas, grupos envolvidos, dentre outros aspectos.

Dito isso, este estudo tem como principal questão e elemento motivador a utilização da música para o fortalecimento do desenvolvimento da consciência histórica como processo didático, como também as vertentes direcionadas a sua utilização como fonte histórica.

Partindo da percepção de que a utilização de produções musicais são fontes de informações de cunho histórico adentrado ao ensino de história em sala de aula, este estudo tem como problemática os seguintes questionamentos: Quais as possibilidades da utilização da música como fonte histórica para a construção da consciência histórica? Como, a partir das músicas posso promover a discussão e conhecimento junto aos estudos de gênero?

Para isso, este artigo teve como objetivo refletir sobre a construção da consciência histórica através dos estudos de gênero, tendo como objeto de estudo a música “Triste, Louca ou Má”, escrita por Juliana Strassacapa, e também interpretada por ela juntamente da banda Francisco, El Hombre, da qual é integrante. Acredito que, por meio da investigação sobre o ensino de história por meio-junto-com as músicas, é possível auxiliar na construção do conhecimento histórico, bem como, no que interessa nesta reflexão, levantar discussões e auxiliar no ensino e promoção da consciência histórica junto dos estudos de gênero.

Este estudo busca, ainda, preencher uma lacuna sobre práticas pedagógicas a partir dos estudos de gênero para o ensino de história em nível fundamental. Tendo em vista que, para o levantamento de leituras para esta pesquisa, identificou-se a ausência de estudos que tratem de forma explícita o assunto para essa fase do ensino. Sendo possível encontrar majoritariamente trabalhos que abordam a figura feminina (Silveira; Silva, 2019; Carvalho, 2021), a perspectiva

de gênero (Fonseca, 2018), a desconstrução do patriarcalismo e questões sociais (Ferreira, 2023), dentre outras questões que não estão inseridas especificamente no contexto histórico, vertente adotada neste estudo.

Dessa maneira, o recorte da pesquisa parte do contexto da produção da música, 2016 e suas relações com o presente, tendo em vista que o ensino de história perpassa o entendimento do passado para a compreensão dos efeitos dele no tempo. Assim, brevemente, será contextualizado o contexto de sua produção, em que é possível afirmar que existiu um avanço na conquista de direitos para as mulheres. Contudo, muitas das amarras do machismo, desigualdades de gênero, dentre outras se perpetuam no tempo. Sendo a canção objeto oportuno para investigação e recurso didático para a construção do conhecimento histórico.

Um dos maiores desafios do ensino de história é possibilitar que os/as estudantes consigam compreender os múltiplos aspectos históricos que podem coexistir em distintos contextos e espaços. Sigamos para esse desafio.

2. O ENSINO DE HISTÓRIA E O CONHECIMENTO HISTÓRICO

Circe Maria Fernandes Bittencourt (2011) em seu texto "Abordagens históricas sobre a História escolar", aponta que a disciplina de história foi palco de intensas disputas no decorrer do tempo. A autora destaca como a disciplina foi utilizada como uma alternativa e tentativa significativa para suprir e atender os anseios da ordem vigente no Brasil em determinados períodos. Principalmente em momentos da ausência da democracia, tal como na ditadura (1964-1985), quando a disciplina de história passou por intensas transformações.

A partir de 1980, com a ampliação do ensino e o rompimento com as exigências do ensino tecnicista, intensificaram-se as preocupações com o novo público que chegava à escola. No que corresponde ao ensino de história, sua escrita, suas abordagens e metodologia, foi concedido um novo olhar para prática educacional, tendo em vista a ampliação das possibilidades de pesquisas e de fontes para o ensino (Bittencourt, 2011).

A autora, que tanto insere-se como uma das responsáveis pela discussão da reforma curricular para o ensino de história desde o ensino fundamental ao superior, principalmente para que sejam incluídas as discussões sobre o ensino de história na formação docente, destaca que, o estudo da história foi marcado por mudanças significativas na sua trajetória acadêmica, sendo caracterizado como um estudo *mnemônico* que concerne em criar frases, construir referências e expressões, auxiliando na memorização dos assuntos e fatos do passado, passando a se concretizar como uma “nova disciplina”. Formada sob um paradigma

metodológico que visa integrar os diversos temas que compõem a história, antevê-se a história voltada às origens brancas e cristãs, substituindo as conquistas cronológicas dos “grandes homens” (Bittencourt, 2018, p. 25). Passadas mais de quatro décadas, ainda seguimos nesse processo.

Partindo dessa concepção histórica, o ensino de história no Brasil tem sido objeto de grandes debates políticos e sociais. Parte disso pode ser observado como reflexo de resistência às políticas educacionais da ditadura civil-militar brasileira (1964-1984) (Silva; Fonseca, 2010). Esse debate reflete não somente na formação pedagógica, mas também na concepção histórica da sociedade ao qual está inserido, necessitando de uma reflexão sobre o estado do conhecimento histórico, e como de fato utilizar-se de fontes do passado para a construção do futuro (Silva; Fonseca, 2010).

Com relação a importância do conhecimento histórico, esse é fundamental para a formação da relação entre o sujeito e a sociedade ao qual está inserido e, da contemplação das representações coletivas e individuais com base nos acontecimentos passados que possam refletir na tomada de decisões e consequências futuras (Dias; França, 2020).

Segundo Proença (1999, p. 35), as aulas de história podem contribuir positivamente para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Tal influência não se limita apenas ao conteúdo formativo do conhecimento histórico, mas também se estende à metodologia utilizada.

Padrós (2004) explica o conhecimento histórico como sendo um tipo de conhecimento científico, que consiste em dois elementos: Primeiro, como parte da perspectiva histórica, de uma história de modo geral, que forma uma rede de relações de variados indivíduos no qual a lógica está evidente para o/a historiador/a. Já para o segundo, estabelece um compromisso com a verdade, no qual o trabalho do/da historiador/a não se desfaz do método de comprovação científica.

Para que este conhecimento seja fortalecido, as fontes históricas irão auxiliar na construção e análise dos acontecimentos, pois “não se pode somente inventar as dimensões dos acontecimentos passados” (Dias; França, 2020, p. 214), sejam elas originárias no suporte documental, oral, escrito ou material, caracterizadas como fontes históricas.

2.1 Fontes históricas

Para o historiador José D'Assunção Barros (2020), as fontes históricas, tornou-se uma terminologia comum ao conhecimento popular, como sendo toda produção humana, ou que detém indícios de sua intervenção, que proporciona um maior entendimento sobre os acontecimentos passados da vida humana (Barros, 2020). Sendo estas:

[...] tanto os já tradicionais documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também quaisquer outros que possam nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante para o Presente do historiador (Barros, 2020, p. 20).

Barros ao conceituar, contextualizar e classificar as fontes históricas, afirma que elas podem ter sua origem histórica de forma voluntária ou involuntária. Ou seja, criada para representar algo de uma forma direcionada, ou que o contexto lhe atribuiu significado por ter se originado em tal momento, considerando os aspectos ideológicos e sociais de quem a criou.

Sobre suas tipologias, o autor enfatiza o seu suporte, diferenciando em quatro tipos “(1) ‘fontes materiais’, (2) ‘fontes de conteúdo’, (3) ‘fontes imateriais e (4) ‘fontes virtuais’”, dos quais adentrados a essas tipologias estão as suas classificações, tendo as “fontes sonoras”, que inclui não somente as músicas, mas também as gravações de áudios e melodias (Barros, 2020).

Marcos Napolitano (2010), apesar de também considerar essas tipologias com relação a diversidade de fontes, utiliza-se de outro tipo de nomenclatura. Para o autor, essa subcategoria pode ser caracterizada como “fontes audiovisuais e musicais”, onde, em sua maioria, busca-se a interpretação dos códigos internos das letras e canções.

Flávia Eloisa Caimi (2008), ao levantar análises sobre o uso da música como fonte histórica no ensino de história, a partir da compreensão delas como metodologias alternativas, indica que é necessário abordar a interpretação e compreensão dos/as estudantes, através do desenvolvimento de habilidades; problematização, análise e crítica. Para isso, como indica a autora, é necessário que o/a professor/a tenha competências específicas sobre a formulação de material pedagógico com esse tipo de fonte.

A BNCC como base a ser seguida e que orienta o ensino no Brasil, pontua sobre a importância da utilização de novas linguagens no ensino de história:

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história (Brasil, 2017, p. 398).

Nesse sentido, a música é entendida como uma fonte histórica criada e reproduzida pela humanidade. Ao contrário do documento escrito, a música tem a possibilidade de sensibilizar e estimular o desenvolvimento dos/as estudantes e perpassa como uma das linguagens possíveis para a construção do conhecimento histórico.

Dito isso, são inúmeras as formas de representação que possam ser consideradas fontes históricas. Para a sala de aula, no entanto, alguns são de melhor receptividade didática. Marion Regina Stremel (2012, p. 25) aponta que no Brasil, a escolha da música como suporte para as aulas de história demonstra um papel interdisciplinar, no qual pode contemplar não somente a informação contida em sua letra (composição), mas também “a historicidade da linguagem/fonte, em seus contextos de produção e usos e apropriações”.

3. CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

A partir da concepção de Rüsen (2011) a consciência histórica deve ser concebida como uma categoria abrangente, relacionada a todas as formas de pensamento histórico. Isso permite aos indivíduos experienciar e interpretar o passado como parte integrante da história. O mesmo entende por consciência histórica:

[...] atividade mental da memória histórica, que tem sua representação em uma interpretação da experiência do passado encaminhada de maneira a compreender as atuais condições de vida e desenvolver perspectivas de futuro na vida prática conforme a experiência (Rüsen, 2011, p. 112).

Segundo o autor, essa consciência não deve ser vista apenas como um conhecimento superficial do passado, mas sim como um meio fundamental para compreender o hoje e antecipar o que está por vir. Como uma expectativa, "a consciência histórica dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o presente e antecipar o futuro" (Rüsen,

2011, p. 36). Com base no pensamento do autor, a consciência histórica representa a soma das operações mentais pelas quais as pessoas interpretam a evolução temporal do mundo e de si mesmas, permitindo-lhes orientar intencionalmente suas vidas práticas no contexto temporal.

Luis Fernando Cerri (2007) aponta que a consciência histórica pode ser considerada como um fenômeno inerente à existência humana ou uma característica específica que precisa ser desenvolvida. Por um lado, está ligada ao amplo sentido de autoconsciência e conhecimento inerente a existir e compreender o mundo. Por outro, pode representar um nível particular de compreensão que nem todos os indivíduos possuem naturalmente, exigindo um processo de conscientização e entendimento a ser alcançado. Nesse último caso, a ausência dessa consciência histórica pode ocasionar um estado de falta de consciência ou alienação em relação à história.

Diante disso, compreende-se por consciência histórica (Rüsen, 2011; Cerri, 2007) a percepção que os indivíduos ou as sociedades possuem sobre os acontecimentos do passado e como essa percepção acaba interferindo em questões do presente e influenciando as do futuro. Nesse sentido, ao trabalhar com fontes históricas, especificamente com a música, percebida como uma narrativa que reflete as perspectivas e anseios de uma determinada época, sobretudo através das suas letras, tem-se a possibilidade de fomentar a consciência histórica, bem como proporcionar uma leitura mais abrangente da sociedade.

3.1 A música e a formação da consciência histórica

A “História e Música partilham uma relação já bem antiga” (Barros, 2018), isso ocorre através da análise de uma letra, do contexto ao qual foi criada e a situação ao qual está inserida, entendendo o papel potencializador das composições musicais, que busca atingir de forma facilitada o/a pesquisador/a e/ou estudante/a, surtindo efeito massivo nas populações.

A história, enquanto disciplina, por sua vez, tem o poder de despertar inquietações e gerar dúvidas sobre diferentes temas, levando o indivíduo a refletir sobre suas interações e a perceber seu lugar no mundo. Nesse ínterim, pode-se dizer que a utilização da música como fonte histórica dentro da sala de aula, ao analisar suas letras e particularidades, a mesma possibilita a construção do conhecimento histórico e de uma aula mais dinâmica, aguçando a criticidade do/da aluno/a (Filatro; Bileski, 2017).

A música em consonância com diversos outros elementos passíveis de análise, promove uma certa conexão entre determinados períodos e contextos históricos, sendo capaz de transmitir reivindicações, crenças, valores e até mesmo os conflitos de diferentes épocas. A

mesma vai além de simplesmente documentar eventos, uma vez que exprime os anseios, emoções e as experiências das pessoas no tempo, oferecendo diferentes abordagens e perspectivas para o ensino (Filatro; Bileski, 2017).

Barros (2018) aponta que o estudo do fenômeno musical no contexto história e ensino, considera aspectos diferenciados ao do texto literário, dinamizando as instâncias performáticas, transmitindo mensagens nas entrelinhas e procurando reações em quem a ouve. Essa diligência da música no ensino de história facilita, de certo modo, a compreensão dos significados e conceitos quando direcionado a um público que a considere agradável, ou até mesmo adorável.

Além disso, através da análise da letra da canção e de outros aspectos que a compõem, é possível traçar novos olhares sobre o mundo, permitindo suscitar reflexões nos estudantes frente a diversos assuntos que influenciaram sua produção, suas apropriações e seus novos sentidos ao longo do tempo. Dessa forma, é possível afirmar que a música, no que se refere a letra apresentada, contribui para o desenvolvimento e para construção da consciência histórica, possibilitando a compreensão de distintas realidades, como também a desconstrução de mitos do passado. Para as autoras Filatro e Bileski (2017) as letras presentes nas músicas apresentam narrativas desafiadoras, incômodos, questionamentos e críticas, sendo considerada uma ferramenta valiosa no processo de ensino, despertando o interesse, a curiosidade e um modo de ver a história sob diferentes perspectivas.

4. MÚSICA E ESTUDO DE GÊNERO

No estudo de Scott (1995, p. 49) a autora nos apresenta uma perspectiva teórica sobre gênero. Com base nos estudos de Michael de Foucault, sobre relações de poder, a autora nos indica que gênero resulta de uma construção social que possui um corpo generificado a partir das distinções biológicas. Nisso, são projetadas expectativas convencionais de práticas comportamentais e discursos proferidos, no qual “a função desses discursos é a de legitimar, a partir do que é instituído pela ordem dominante, o que é avaliado como normal” (Scott, 1995, p. 49). Assim, com base nos estudos da autora, sexo e gênero não são a mesma coisa, tendo o primeiro a forma encontrada para a dicotomização do corpo, já o segundo, corresponde a compreensão de gênero a partir desses corpos e como são compreendidos-construídos socialmente.

A música atua como um veículo de expressão que desafia ativamente os estereótipos de gênero, oferecendo narrativas, construindo alternativas e abrindo caminhos, horizontes para a desconstrução de representações sociais naturalizadas.

Moreira (2012), pontua que a música é percebida como uma ferramenta para estimular o lado crítico dos/as estudantes, para compreender determinados momentos históricos e para construção de debates cruciais sobre inúmeras temáticas dentro da sala de aula, com destaque para abordagem de gênero. A escola é um ambiente propício para produção de conhecimento, desenvolvimento intelectual e desconstrução de discursos enraizados na sociedade (Moreira, 2012). Pois, como destaca a autora,

As construções de gênero traduzem-se na cultura dominante ocidental por uma matriz binária e hierárquica, e segundo tal modelo, a sexualidade seria como que consequência tanto da constituição sexual dos seres em questão, como das construções de gênero pelas quais são submetidos (Moreira, 2012, p. 23).

Diante disso, ao abordar as questões de gênero por meio da música, dentre os assuntos, abre-se a possibilidade de versar sobre a situação das mulheres, as construções sociais em torno delas, como também de desconstruir estereótipos que ainda persistem na contemporaneidade.

Alguns estudos desenvolvidos no Brasil apresentam perceptivas que relacionam a música e os estudos de gênero. Silva (2000), em sua dissertação de mestrado intitulada, “Música no Espaço escolar e a construção da identidade de gênero: um estudo de caso”, ampliou o debate sobre gênero e música em sala de aula, buscando compreender de forma multidisciplinar como se dá a construção da identidade de gênero no espaço escolar diante do interesse em desenvolver nos/as estudantes a desconstrução de atitudes discriminatórias, desiguais e de violência que atingem principalmente as mulheres/meninas, dado, como exemplo, a construção da masculinidade marcada como um processo de afirmação de um ideal de homem como superior em relação às mulheres (Silva, 2000).

Ainda segundo Silva (2000), ao tratar sobre a música, em seu estudo de caso, indica que essa foi inserida de forma voluntária somente pelos próprios estudantes, não havendo nenhum tipo de interferência ou mediação docente. Com esse cenário, acabavam não relacionando as músicas ao conteúdo didático, mas somente para lazer entre grupos de meninos e meninas, até mesmo de forma competitiva. Com a criação de um espaço de interação, passou-se a contemplar um modo de embate entre esses grupos, com a troca de experiências e gostos musicais, onde “a identificação com determinados gêneros musicais demonstrada no espaço escolar evidenciou a existência de uma relação estreita entre a música

e a identidade de gênero” (Silva, 2002, p. 82), que quando mediado pelo professor, estabeleceu uma relação maior com o conteúdo programático da sala de aula, ampliando dessa forma o modo de se utilizar música como fonte de informação (Silva, 2000; Silva, 2002).

Já no estudo publicado por Rosa (2009), são levantadas reflexões acerca das relações de gênero e da intersecção entre as mulheres e a religião considerando o contexto ao qual as personalidades religiosas no Ilê Axé Oyá Meguê de nação Xambá (Olinda, PE) eram representadas em suas canções, em comparação aos homens. São divindades religiosas femininas, marcas da ancestralidade que permanecem no tempo presente e que, mesmo sem ter o interesse direto, confrontam as expectativas convencionais de gênero.

Assim, a partir das concepções convencionais de gênero, em que, no comparativo entre homens e mulheres, as mulheres são colocadas historicamente como submissas e frágeis, percebe-se que os homens são tidos como seres superiores. Dessa maneira, torna-se necessário reflexões para a desconstrução dessa perspectiva com a intenção de auxiliar no entendimento das desigualdades de gênero na tentativa de rompimento com esses problemas. Assim, como forma de explorar a construção do conhecimento histórico a partir da música e junto de gênero como categoria analítica, destaco a música “Triste, Louca ou Má”, do grupo Francisco el Hombre, como uma das possibilidades.

5. FRANCISCO EL HOMBRE

A banda Francisco, El Hombre, formada há mais de uma década, especificamente no ano de 2013, é composta por, Juliana Strassacapa, Andrei Martinez Kozyreff, Rafael Gomes, e também pelos irmãos Sebastián e Mateo Piracés-Ugarte. O grupo Musical adota o nome de "Francisco, el hombre", em homenagem a um músico itinerante e principal protagonista do livro de Gabriel García Márquez, intitulado "100 anos de solidão". Nessa obra, o personagem circula por diversos lugares promovendo disputas musicais (Baltar *et al.*, 2022). O grupo, por sua vez, é composto por pessoas de diversas nacionalidades que incorporam, de certo modo, a visão de serem "viajantes", levando a música para todo o mundo.

Formada no ano de 2013, foi somente em 2017 que ganhou notoriedade ao ter uma música vinculada a novela "O outro lado do Paraíso", transmitida pela Rede Globo no horário das 21h:00min. Fator importante para um grupo independente, sem recursos e em início de carreira, tendo a música exposta em horário nobre em uma das emissoras que possui maior audiência, o que contribuiu para ampliar a publicização do grupo. A música, “Triste, Louca ou Má”, de composição de Juliana Strassacapa, ganha destaque ao criticar aspectos sociais e

desafiar estereótipos associados às mulheres que buscam se impor aos padrões impostos pela sociedade, promovendo debates sobre autonomia e liberdade feminina no tempo presente.

Juliana Strassacapa, vocalista e compositora da banda Francisco, El Hombre, é a única mulher da banda, também percussionista e se tem pautado no feminismo não somente no seu âmbito de trabalho, mas na forma de viver no mundo em si, quando diz que “carrego o feminismo como uma parte de mim, é a maneira como me coloco mundo” (Guimarães, 2017, n.p.). A vocalista trás em uma entrevista fornecida ao site Catarinas, que suas referências de cantoras e musicistas são todas mulheres, em destaque “Elis Regina, Clara Nunes, Baden Powell, Novos Baianos, Karina Buhr” (Guimarães, 2017, n.p.).

Em outro ponto, Juliana fala um pouco sobre a sonoridade latina, que busca exaltar as produções latino-americanas, relacionando a proposta do Brasil com seus países vizinhos, buscando afastar-se das produções americanizadas² (Guimarães, 2017, n.p.).

Já no ano de 2021, a voz da banda iniciou um projeto de carreira solo, intitulado “Lazúli”, desenvolvido de forma paralela ao Francisco, El Hombre, tendo em sua formação somente três mulheres, “Àiyé (bateria, sintetizadores, *samplers* e vocais), Cris Botarelli (guitarra, sintetizadores e vocais) e Lena Papini (baixo, sintetizadores e vocais)”, que tem como ênfase produções musicais voltadas para temas “como cura, espiritualidade e sexualidade” (Ferreira, 2021, n.p.).

A música "Triste, Louca ou Má", da Banda Francisco El, Hombre, faz parte do Álbum "SoltasBruxas" lançado durante a turnê em Cuba, no ano de 2016. Tem duração de 4 horas e 25 minutos e ocupa a sexta posição no disco. O videoclipe, outra linguagem que permitiu a ampliação da divulgação da canção, conta com a participação do grupo Danza Voluminosa, composto por bailarinas negras e gordas em roupas brancas e de renda, com referências afro-brasileira, buscando se desvencilhar do padrão de corpos “perfeitos” e “bonitos” impostos pelo patriarcado branco, mostrando “mulheres reais” do cotidiano. Dentro de um cenário de referências históricas culturais, às casas grandes e antigas, a narrativa empregada no videoclipe perpassa como um diálogo com a ancestralidade e, provoca um deslocamento das visões/imposições socioculturais constituída pelo eurocentrismo para narrativas locais, de mulheres que exibem a diversidade de corpos e seus sentidos atribuídos a ele. Sobre isso, cabe em futuras pesquisas aprofundar a investigação a partir dos estudos decoloniais.

Em relação ao disco, considerado o mais importante de suas carreiras, buscou mesclar músicas do gênero rock, músicas mexicanas, música brasileira e música latina, buscando enfatizar a sonoridade latino-americana, no qual nas “apresentações, a intenção é colocar o

² Dar modos ou carácter americano, em especial dos Estados Unidos da América.

público para dançar e cantar, independentemente do idioma ou da região” (Machado, 2018, n.p.).

Através da mescla de distintos elementos musicais e de uma sonoridade única, a letra da música apresenta uma narrativa estritamente crítica, confrontando as normas culturais que limitam a liberdade e a autonomia das mulheres.

Vejamos a narrativa empregada na canção;

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define (você é seu próprio lar)
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
E o homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define, minha casa não me define)
Vai viver só (minha carne não me define)
(Eu sou meu próprio lar)

Ela desatinou, desatou nós (e um homem não me define)
Vai viver só (minha carne não me define). Strassacapa, Juliana. Triste, louca ou má. In:
Soltasbruxa. São Paulo: Navegantes, (4:25 minutos), 2016.

Sapatista (2019), apresenta a história desta música de forma detalhada, indicando não somente o contexto ao qual foi criada, mas também as pautas e assuntos abordados na canção, e como isso foi utilizado em sua elaboração, bem como suas referências e inspirações.

A partir da análise minuciosa da letra da canção, a autora parte da observação sobre a desconstrução da mulher em contraponto ao padrão imposto pela sociedade, no qual está submetida ao marido, filhos e/ou família, falando sobre o julgamento que as mulheres sofrem perante a sociedade quando não se enquadram nesse ensejo.

Em continuidade, a autora observa a questão do empoderamento feminino, e do direito a ser “dona do seu corpo”, e em como as pressões sociais interferem em suas vidas de forma agressiva. Sendo o empoderamento o rompimento com a opressão, a letra da canção indica como são reivindicados a autonomia corporal das mulheres, em romper com a ideia de disposição de seus corpos à mercê dos homens, vistas muitas vezes como “objeto sexual”, e que ainda se faz recorrente.

Segundo a autora da canção em entrevista ao Sapatista (2019), Juliana destaca que a canção em si foi construída de forma rápida, tendo como inspiração sua mãe e as relações familiares do seu convívio, que ao finalizar a composição, teve o encorajamento de algumas amigas para que esta pudesse ser apresentada a banda. De tal maneira, a facilidade pela construção da letra da canção não indica apenas sobre o domínio da artista sobre os elementos musicais, mas de que, por tratar de assuntos tão difíceis e necessários, são de fácil acesso e entendimento, já que em muitas das situações viu aquilo que critica como parte da história das mulheres em sua volta, até mesmo na sua própria vida.

Essa observação pode ser reforçada a partir da entrevista de Juliana ao grupo Sapatista, quando aponta que a música tem como expressão sentimentos cotidianos, relacionados à questões que mulheres perpassam durante toda uma vida muitas das vezes, relacionando-se com uma sociedade patriarcal, onde estão em relacionamentos abusivos, em situação de violência doméstica ou negligenciamento social e educacional (Sapatista, 2019). Triste, louca ou má é insinuada como um convite a questões de empoderamento feminino, enfatizando as situações machistas e misóginas da sociedade ao qual aquela mulher está vitimizada e imposta (Sapatista, 2019).

5.1 Analisando a canção

Neste estudo, analisa-se a letra da canção de forma fracionada. Primeiramente é importante realizar a identificação e descrição dos elementos sociais e históricos retratados na letra, antepondo a realização da discussão com base no objeto. Originária do inglês “*sad, mad or bad*”, essa expressão busca estigmatizar as mulheres que, por opção, acatam a decisão de permanecerem solteiras (Sapatista, 2019).

Assim, a partir da letra da canção, em que expõe;

"Triste, Louca ou Má
Será qualificada ela
Quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina"

Strassacapa, Juliana. Triste, louca ou má. *In: Soltasbruxa*. São Paulo: Navegantes, 2016.

Identificam-se três narrativas que foram utilizadas historicamente para menosprezar, silenciar e afrontar saberes, atitudes e desejos das mulheres. “Triste”, “Louca” ou “Má” trata de três fases atribuídas às mulheres, do qual primeiro as silencia e as fazem ficar tristes, quando questionam algo, são apontadas como loucas, se fazem algo para romper com a situação, distintos discursos e ações contra elas são legitimados por as qualificarem como más. Nesse sentido, essas narrativas partem inicialmente da trivialidade do patriarcado de categoricamente rotular a personalidade feminina de forma pejorativa quando não adentrada aos padrões predefinidos, ou então, quando, de alguma forma, tenta romper com situações desiguais de gênero.

Assim, “Triste” configura-se nesse contexto como o silenciamento das mulheres, nas quais além de não terem direitos, também são levadas a aceitar a submissão ao homem e a família, deixando-se em último plano. Priorizando somente os anseios e desejos de todos ao seu redor. Tornando-se mais tristes, ansiosas e depressivas. Essa percepção confirma-se através de dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) quando indica que as mulheres são de maneira geral mais afetadas pela depressão do que os homens (OMS, 2022 *apud* Cruz, 2023). O “Louca” busca abarcar várias facetas, desde a narrativa que considera aquela mulher que questiona e não aceita imposições. Exemplificando o movimento sufragista feminino, partindo da luta por direitos através da cooperação feminina, diligenciando sobre o combate

da violência e assédio contra as mulheres através de mobilizações, protestos e apoio político. O “Ou” também tem relevância interpretativa, indicando a mulher sem a opção de fazer suas escolhas, tomar suas decisões, sendo privada de direitos que deveriam ser para todos. Já o “Má” vulgariza a decisão de autonomia da mulher, quando esta já não aceita, e contesta o que lhe é conduzido. Instituinto novo posicionamento sobre as decisões e rumos de sua vida. Sendo considerada “má” quando se coloca como prioridade, até mesmo anteposto aos filhos e maridos, e passando a ocupar lugares que anteriormente eram majoritariamente de pessoas do gênero masculino.

Partindo do detalhamento dos trechos, identifica-se a “receita cultural” como sendo os costumes e padrões impostos e reforçados constantemente sobre a naturalização das desigualdades de gênero movidas a partir de um ideal patriarcal, em que as mulheres são apontadas como frágeis, como uma tentativa de impedir que elas ocupem outros espaços além do lar, principalmente aqueles que envolvem a gerência e poder. Um processo que amplifica o posicionamento em que as mulheres são invisibilizadas, estando submetidas a obediência à figura masculina, seja ele pai, irmão ou companheiros (Castilho, 2020). Assim, a canção expõe a recusa em se adequar às condutas e expectativas convencionais endereçadas ao gênero feminino, desafiando as construções predefinidas que limitam suas escolhas, mas servem como embasamento para romper com as limitações impostas a elas. De face para o pensamento de Simone de Beauvoir (2016, p. 17), escritora, filósofa, ativista política e feminista, onde aponta que “A mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições, e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesadelo *handicap*”.

No segundo momento onde a composição apresenta que,

“Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
Um homem não te define
Sua casa não te define

Sua carne não te define (você é seu próprio lar)”

Strassacapa, Juliana. Triste, louca ou má. *In*: Soltasbruxa. São Paulo: Navegantes, 2016.

A motivação para a mudança do cenário marcados por exclusões de gênero perpassa sobre as experiências sofridas e dolorosas que ocasionam o estopim da situação, onde busca-se desvencilhar da concepção de “dona de casa”, mesmo que isso não signifique que em casa as mulheres estarão seguras, assim como o uso de dona de casa embasa toda uma estrutura de enclausuramento das mulheres e que, no espaço doméstico, estariam dispostas a servir alguém, principalmente os homens. Assim, quando indica que a personalidade feminina não pode ser definida somente por sua atuação como companheira, genitora, cuidadora e gestora do lar, indica que por partir do sofrimento vivido e de perceber isso em outras mulheres, a canção expressa alguém que buscou uma mudança de vida, não se abstendo mais a aceitar tal situação.

Na sequência, a personificação feminina reflete sobre a consequência de suas escolhas, onde “Ela desatinou, desatou nós / Vai viver só” (Strassacapa, 2016). É retratado como a perda de juízo (razão) da mesma por escolher ficar sozinha, tomando uma decisão emancipadora, deslegitimando sua escolha, como algo imprudente e fora de si (Castilho, 2020). No qual a mulher só tem lugar na sociedade quando disposta ao cuidado alheio, seja da família, do lar ou de companheiros. Há ainda o trecho “Eu não me vejo na palavra / Fêmea, alvo de caça / Conformada vítima / Prefiro queimar o mapa / Traçar de novo a estrada / Ver cores nas cinzas / E a vida reinventar” (Strassacapa, 2016).

Desse modo, a canção busca desvencilhar da ideia de sexo frágil, onde a narrativa apresenta um desabafo ao não aceitar a condição de “Fêmea”, considerada vítima de caça e uma presa fácil da figura masculina, vista como objeto sexual, reprodutor, de que aceita toda e qualquer situação ao qual é submetida, passando a catar novas vertentes, para além daquelas que sempre lhe foram impostas (Castilho, 2020). No verso ao qual indica “prefiro queimar o mapa”, refere-se a mudança de rumos, onde sua vida e trajetória já foram definidas por outras personalidades, as masculinas, sendo assim necessário reivindicar novos caminhos.

Essa percepção pode ser representada por vários nuances da luta por direitos das mulheres na sociedade, no qual, desde o surgimento das primeiras comunidades, as tarefas laborais sempre foram divididas conforme a naturalização das divisões embasadas no sexo, estabelecendo e definindo os papéis que, conforme o passar do tempo, moldaram as expectativas em torno do lugar do homem na sociedade e, principalmente, o lugar da mulher, enquanto inferior e submissa ao mesmo. Através dessa percepção, a figura feminina ocupou lugares submissos dos quais tentou-se diminuí-las a todo momento, muitas vezes negligenciadas, lesadas e inviabilizadas. Um exemplo dessa conjuntura seria o direito ao voto feminino, bem como o de ser votada. Pois, enquanto manter o voto como forma de garantir

acesso a outros direitos, tardar sua condição de cidadã seria uma forma de manter as desigualdades sociais estruturadas a partir das desigualdades de gênero.

Teresa Cristina de Novaes Marques (2019), em sua obra "O voto feminino no Brasil", traça um panorama sobre a concessão do voto feminino no Brasil. Passando por empasses e debates que foram levantados antes de fato a concessão a este direito, desde a Revolução Francesa, até o caminho às urnas e a eleição da primeira presidenta mulher do Brasil, Dilma Rousseff, em 2010. A autora destaca que a partir da Constituição de 1824 a mulher não era considerada nem "cidadão", termo destinado a pessoa do sexo masculino somente, onde o "cidadão ativo" era aquele que detinha o poder de voto, que adotava o poder de renda como critério para definir quem poderia votar, onde, mesmo que a mulher detivesse renda suficiente (nos casos das viúvas que eram "chefes" de família) as mesmas por não serem consideradas "cidadão" não podiam votar (Marques, 2019, p. 27-29).

Durante o período de debate sobre a adoção desse substantivo e legislação sobre o voto do cidadão, José Bonifácio (1763-1838), formado em direito e participante ativo das articulações políticas pela independência, questionou "por que motivo as mulheres devem obedecer a leis feitas sem sua participação e consentimento?" (Marques, 2019, p. 33), buscando ampliar o pensamento sobre a participação feminina na política. Na canção, relacionam-se esses pontos ao momento em que diz que o homem não define a mulher, ou seja, o mesmo não deve, e nem pode, tomar as decisões referentes à vida da mulher, como se a mesma não tivesse autonomia e capacidade de fazê-lo. Hoje a mulher pode ocupar lugares onde antes lhe eram negados, pode e deve votar e ser votada. Somente assim as legislações podem ser pensadas por mulheres e para que possam beneficiar as mulheres, em vista de que historicamente muitas leis serviram para o sustento das desigualdades de gênero.

Segundo Silva (2023), o Código Eleitoral de 1932 representa um marco no que se refere à conquista do direito ao voto feminino. No entanto, ao contrário do voto masculino, que era obrigatório, o novo código definiu o voto feminino apenas como facultativo. Isso resultou, por um lado, na conquista de um direito que vinha sendo reivindicado por inúmeras mulheres ao longo do tempo, o sufrágio feminino. Mas, por outro lado, resultou na falta de representatividade das mulheres, as quais muitas vezes ficavam à mercê da decisão do marido, uma vez que só poderiam exercer seu direito ao voto caso este fosse autorizado por ele. Isso corrobora com a narrativa da música, evidenciando o silenciamento e as limitações impostas às mulheres.

Na atualidade, o voto feminino tornou-se igualmente obrigatório, bem como a representação feminina nos processos eleitorais. No qual, os partidos devem ter,

obrigatoriamente, no mínimo 30% de candidaturas de pessoas do gênero feminino, essa determinação está prevista na Lei das Eleições (Lei nº 9504/1997) (Brasil, 1997), e tem como objetivo ampliar a representação feminina nos espaços políticos. Apesar dessa determinação, e atendimento a mesma, ainda são baixas as estatísticas sobre a eleição dessas candidatas, apesar das mulheres representarem a maioria no eleitorado nacional de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE, 2022). Junto disso, é importante perceber e analisar as intersecções que ainda agem de forma desigual. O acesso de mulheres a esses espaços não significa o rompimento absoluto das desigualdades, pois, mulheres brancas não representam os interesses de mulheres negras, por exemplo.

Desse modo, outra controvérsia em relação à eleição de mulheres no Brasil, consiste na representação feminina, não somente pelo gênero, mas de sua intersecção com a raça e grupos étnicos. De acordo com o TSE, no Brasil, apesar da crescente participação e candidatura de mulheres nas eleições nas esferas federal, estadual, distrital e do sistema de contagem de votos (que determina a contagem em dobro para mulheres negras) ainda são ordinários os índices de mulheres negras e indígenas eleitas. Além disso, tomando como base a narrativa da música, muitas são rotuladas como “loucas” por reivindicarem por certos espaços que, de certa forma, são vistos como um campo de atuação exclusivo para o homem. Ao ousarem, as mulheres, por sua vez, são rotuladas como “más” por ocuparem um lugar de protagonismo e poder, saindo do âmbito privado para o âmbito público.

Sendo assim, retoma-se a principal questão e elemento motivador deste estudo, que embasa a utilização da música para o fortalecimento do desenvolvimento da consciência histórica, que, a partir da reflexão exposta acima, busca fortalecer a compreensão da importância da história das mulheres, tanto para o reconhecimento como para a continuidade no avanço de direitos conquistados a partir de lutas pessoais e coletivas, sociais e políticas.

Já a utilização da música como processo didático perpassa o conceito de didática histórica aqui apresentado por Cerri (2007), onde a análise fracionada dos trechos da canção, bem como o contexto ao qual é arreadado, busca a representação através de elementos históricos, a exemplo do direito ao voto, e de ser votada, como também as vertentes direcionadas a sua utilização como fonte histórica, indicando que não somente os documentos oficiais, escritos e de registros servem para retratar a história da vida humana, mas também a arte, neste caso, a música. Isto posto, a canção analisada pode ser utilizada para investigarmos distintos contextos históricos e sociais marcados pelas resistências das mulheres em busca de direitos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de músicas como material para a construção da consciência histórica através de métodos didáticos tem se tornado um viés inovador e pertinente, pois, muitas das letras das canções conseguem atravessar os debates passados, atuais e futuros sobre os problemas do cotidiano da humanidade.

A música “Triste, louca ou má”, da banda Francisco, El Hombre, seria uma congruente crítica social ao comportamento da sociedade perante a mulher ao longo do tempo, enfatizando a busca pela autonomia e emancipação de sua própria vida. Por meio da canção, é possível observar que sua intencionalidade consiste em representar alguns impasses sobre o cotidiano das mulheres, se desvencilhando do modelo patriarcal e hora tido como tradicional, assim, serve como possibilidade didática para o ensino de história.

Torna-se necessário também manifestar a informação de que o grupo musical em questão anunciou recentemente (05 de março de 2024) uma pausa após 10 anos de carreira, sendo essa seguida do lançamento de um novo disco e realização de uma turnê, intitulado “*HASTA EL FINAL*” (no português: ATÉ O FIM), ficando a atuação da banda e suas produções musicais a se estender no tempo.

Considerando isso, este estudo conseguiu observar a canção como uma utilitária fonte histórica para a construção da consciência histórica frente às lutas feministas ao longo do tempo. Destacando-se o sufrágio feminino, desde a ideia de que a mulher deveria não somente poder exercer o direito ao voto de forma autônoma, mas também ser possível a sua candidatura e eleição.

A relação entre a canção e esse acontecimento se dá pela percepção da figura feminina na busca por autonomia e voz perante a sociedade ao longo do tempo, buscando igualdade nas relações de gênero. Sendo assim, o direito ao voto feminino torna-se um objeto particularmente necessário ao ensino de história, estando registrado em variadas fontes históricas e ainda presente na vida cotidiana, sendo constantemente aperfeiçoado e empoderado. Sigamos para novas conquistas!

REFERÊNCIAS

BALTAR, Marcos *et al.* **Práticas educativas com o gênero canção na educação básica.** São Carlos: Pedro e João, 2022

BARROS, José D.'Assunção. Fontes históricas. **Cadernos do tempo Presente**, v. 11, n. 02, p. 03-26, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33662/ctp.v11i02.15006>. Acesso em: 7 mar. 2024.

BARROS, José D.'Assunção. História e música: considerações sobre suas possibilidades de interação. **História & Perspectivas**. Uberlândia, n. 58, p. 25-39, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/36121>. Acesso em: 7 mar. 2024.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Abordagens Históricas Sobre a História Escolar. **Educação & Realidade**, v. 36, n. 1, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/15136>. Acesso em: 10 mar. 2024.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos avançados**, v. 32, p. 127-149, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180035>. Acesso em: 15 mar. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base.** Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 7 mar. 2024.

CARVALHO, Diana Rodrigues. **A música triste louca ou má e as imagens de mulher.** 2021. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2021.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar?. **Anos 90**, v. 15, n. 28, p. 129-150, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7963>. Acesso em: 22 mar. 2024.

CASTILHO, Juliana Abrão. Triste, louca ou má: música e emancipação feminina. **Revista Sítio Novo**, v. 4, n. 1, p. 87-98, 2020. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/380>. Acesso em: 22 mar. 2024.

CERRI, L. F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 96, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133>. Acesso em: 9 dez. 2023.

CRUZ, Fernanda Fernandes. Notícia: Transtornos psicológicos são mais comuns em mulheres, segundo OMS. **Revista Feridas**, v. 11, n. 58, p. 2114-2114, 2023.

DIAS, Deyse Vivian; FRANÇA, Victor Hugo de Almeida. Construção do conhecimento histórico e a consciência histórica: um debate epistemológico. **Revista Trilhas da História**, v. 10, n. 19, p. 209-220, 2020.

FERREIRA, Danilo de Vasconcellos. Consciência história e a música como fonte de pesquisa em sala de aula: possibilidades de abordagem. *In: Didática da história: múltiplas possibilidades de pesquisa*. Brasília: Projeção, 2020. 249 p. 21 cm. (Coleção Ensino e Práticas Docentes, vol.4).

FERREIRA, Lorrainny Karoline *et al.* Desconstruções do patriarcalismo: interfaces da canção Triste, Louca ou Má. **Revista Panorâmica online**, v. 38, n. 1, 2023.

FERREIRA, Mauro. Voz da banda Francisco El Hombre, Ju Strassacapa inicia carreira solo paralela com o nome de Lazúli. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2021/09/15/voz-da-banda-francisco-el-hombre-ju-strassacapa-inicia-carreira-solo-paralela-com-o-nome-de-lazuli.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2024.

FILATRO, Andrea Cristina; BILESKI, Sabrina M. Cairo. **Produção de conteúdos educacionais**. Rio de Janeiro: Saraiva Educação SA, 2017.

FONSECA, Juliana Felício da. **Triste, Louca ou Má: a Saúde Mental da Mulher pela Perspectiva de Gênero**. 2018. 30 f. Trabalho de Conclusão de Residência (Residência em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018

GUIMARÃES, Paula. “VOCÊ É SEU PRÓPRIO LAR”: O MANIFESTO DE JULIANA STRASSACAPA PELO DIREITO DE SER. **Catarinas**, 2017. Disponível em: <https://catarinas.info/voce-e-seu-proprio-lar-o-manifesto-de-juliana-strassacapa-pelo-direito-d-e-ser/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

HEILBORN, Maria Luiza; RODRIGUES, Carla. Gênero: breve história de um conceito. **APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 20, 2018.

LARA, Silvia Hunold. Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico. **Anos 90**, v. 15, n. 28, p. 17-39, 2008.

MACHADO, Líria. Com estilo original, "Francisco, el Hombre" se despede do álbum SOLTASBRUXA em Ribeirão. **Revide**, 2018. Disponível em: <https://www.revide.com.br/noticias/cultura/com-um-estilo-original-francisco-el-hombre-se-despede-do-album-soltasbruxas-em-ribeirao-preto-/#:~:text=Com%20estilo%20original%2C%20%22Francisco%2C,de%20Ribeir%C3%A3o%20Preto%20e%20regi%C3%A3o>. Acesso em: 10 fev. 2024.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O voto feminino no Brasil**. 2. ed. Brasília: Edições Câmara, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/midias/file/2020/11/voto-feminino-brasil-2ed-marques.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

MOREIRA, Talitha Couto. **Música, materialidade e relações de gênero: categorias transbordantes**. Mestrado em Música (Dissertação), Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. *In: PINSKY, Carla (Org.) Fontes históricas*. 3. ed. São Paulo (SP): Contexto; 2010.

PADRÓS, Enrique Serra. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente. **Anos 90**: revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 199-223, 2004.

PROENÇA, M. C. **Ensino da História e formação para a cidadania**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

ROSA, Laila Andresa Cavalcante. **As juremeiras da nação Xambá (Olinda, PE)**: músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero na jurema sagrada. Tese de doutorado em Música. PPGM/UFBA, 2009. Tese disponível em http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3600. Acesso em 16 jan. 2024.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizado histórico**. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (org.). Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SAPATISTA. A história da música Triste, louca ou má. **Sapatista**, 2019. Disponível em: <https://sapatista.com.br/a-historia-da-musica-triste-louca-ou-ma/>. Acesso em: 19 jan. 2023.

SILVA, Helena Lopes. Música no espaço escolar e a construção da identidade de gênero: um estudo de caso. **OPUS**, v. 8, n. 1, p. 74-85, 2002.

SILVA, Helena Lopes da. **Música no Espaço Escolar e a Construção da Identidade de Gênero**: Um Estudo de Caso. Dissertação de Mestrado em Música. PPGM/UFRGS, 2000.

SILVEIRA, R. L. S.; SILVA, T. S. A concepção de mulher a partir de músicas: uma análise em triste, louca ou má. In: 5º Encontro de Ciência e Tecnologia do IFSul - Campus Bagé. 5, 2019. **Anais** [...]. Bagé. Disponível em: <http://www2.bage.ifsul.edu.br/encif2019/inscricao/pdf/20191021171650000000.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2024.

SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista brasileira de história**, v. 30, p. 13-33, 2010.

STREMEL, Marion Regina. “CANTANDO A HISTÓRIA” - A MÚSICA COMO FONTE E LINGUAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA. In: II Fórum das Licenciaturas - IV Encontro PIBID, 2012, Guarapuava. II Fórum das Licenciaturas - IV Encontro PIBID. **Anais** [...] . Guarapuava: UNICENTRO, 2012. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/flicenciaturas/pdf/iiv2n1/3.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2024.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995

SILVA, Vitoria Monalise da. **A ilusão do sufrágio universal do século XX**: a aprovação do voto feminino no Brasil. 2023. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestre em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Eleições 2022: mulheres são a maioria do eleitorado brasileiro. **TSE**, 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/eleicoes-2022-mulheres-sao-a-maioria-do-eleitorado-brasileiro>. Acesso em: 7 abr. 2024.

VALLE, Hardalla Santos; ARRIADA, Eduardo; CLARO, Lisiane Costa. A utilização de fontes no ensino de história: a imprensa na construção do conhecimento. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 20, n. 1, p. 59-72, 2011.